

Dia 2, 6 de Julho

IC 2019

Kisekibaha - TANZANIA



Somos chamadas a criar um mundo sustentável, transformando o nosso planeta num lugar de paz e justiça

*Seja de dia ou de noite
trago sempre dentro de mim
uma luz.
No meio do ruído e da desordem
trago silêncio.
Trago
sempre luz e silêncio.*

(Anna Swir, poeta polaca)

Do livro de Hélia Correia, uma poeta e escritora Portuguesa:

(text based upon the book Um Bailarino na Batalha, por T. Vasconcelos in: 7Margens)

[Este livro] descreve uma espécie de “peregrinação” de um grupo de refugiados Africanos em direção à “terra prometida” – neste caso a Europa – onde nunca chegarão: “Fogem da pátria? Tinham pátria? Tinham, pelo menos, povo,” afirmam: homens, velhos, mulheres e crianças. Caminhavam “num silêncio [que] era uma coisa como um tamanho”.

O tema não podia ser mais atual. Mas o que impressiona é que a escrita poética a que nos habituou Hélia Correia, venha tão cheia de compaixão – no sentido latino *cum passio*, viver a paixão com – dando uma dramaticidade ao texto a ponto de nos doer. Hélia Correia como que acompanha o grupo, sentimos que ela faz parte do grupo, uma mulher caminhando com outras mulheres...

No relato aparece, dominante apesar do seu apagamento formal, um conjunto de mulheres:

- Aiyanna , a mulher da compaixão, idosa e sempre atenta.
- Awa, a jovem mulher-guerreira com o filho e “violada” por nova gravidez não desejada; durante a viagem pariu mais um filho nado-morto.
- Niwa, a velha curvada para o chão, para a areia cruel queimada pelo sol, a que afirma: “Não somos homens nem mulheres. Somos apenas pés na areia quente”.
- A nora de Aiyanna, Miriam, a “que olha como as mulheres não sabem olhar”, a que dantes “nunca falara com homens como se fala com iguais”, a que passou a ousar fazer perguntas.

Agora, graças a Miriam, as mulheres “têm uma cara e um nome”, afirma a autora (...). e prossegue: “Tinham ganhado um coração de nómadas”; “No entanto prosseguiam”.

A certa altura da sua “peregrinação” tomam consciência (...) de que a Europa não os quer, não lhes abrirá as suas portas. Buscam uma explicação: “é por isso que não nos querem lá. Paramos muito. Damos prejuízo. Paramos para rezar. Temos costumes”... E, no entanto alguém afirma que “necessitavam muito menos de um projeto do que de *uma esperança*. E a esperança precisava de um nome. Chamava-se Europa, a desejada, porque “ninguém vive sem terra prometida”.

O livro tem um final em aberto: não sabemos se chegam lá. A sua esperança vai-se convertendo em desespero, em escuridão, em perda. (...). O movimento profundamente empático de Hélia Correia convida-nos à descentração, a uma solidariedade entre iguais, à verdadeira hospitalidade... e à esperança!

(breve silêncio)

Da Reflexão Quaresmal da Comissão Nacional Justiça e Paz (Quaresma 2019, por Ticha Vasconcelos):

Aqueles que constroem muros
ver-se-ão prisioneiros dos muros que
construíram
(Papa Francisco)

Assistimos a um fechamento de fronteiras (...). Constatamos, impotentes, o reacendimento de movimentos nacionalistas. Face a estes movimentos somos convidadas à hospitalidade. S. Paulo, na carta aos Hebreus lembra: “Não vos esqueçais da hospitalidade, porque por ela, alguns, não o sabendo, hospedaram anjos”. Hospitalidade implica receber o outro/a *como igual*: no acolhimento do outro eu aprendo a reconhecer-me a mim própria. A hospitalidade é incondicional e implica uma disposição interior aberta e irrestrita. Criemos cadeias de solidariedade *includentes*, abertas aos migrantes, às vítimas da guerra, aos refugiados que buscam uma vida melhor e mais segura. No acolhimento do outro eu aprendo a reconhecer-me a mim próprio/a. Deixemos que “uma hospitalidade global prevaleça no nosso quotidiano”: etimologicamente, a palavra “respeito” corresponde à «ação de olhar para trás: consideração, atenção, acolhida, refúgio». Que fizemos da criação? O ser humano não é o senhor absoluto da criação, usando-a apenas em benefício próprio. Vivemos na permanente ameaça das alterações climáticas causadas pela sofreguidão dos homens e das mulheres. Quem paga são os mais pobres, os menos protegidos, os mais vulneráveis. Estamos a transformar o jardim do Éden num deserto. Prevalece a lei do mais forte sobre o mais fraco.

(breve silêncio)

Mateus 25, 31-46: “Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram”.

Então os justos lhe responderão: “Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos, ou necessitado de roupas e te vestimos? Quando te vimos enfermo ou preso e te fomos te visitar?”

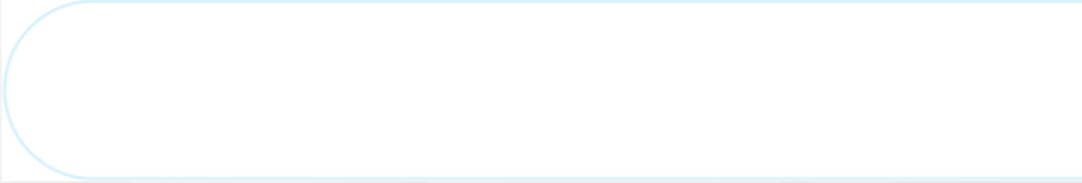
O Rei responderá: “Digo-vos a verdade: O que vocês fizeram a algum dos meus mais pequenos irmãos, a mim o fizeram (...). E o que vocês deixaram de fazer a alguns destes mais pequeninos, também a mim deixaram de fazê-lo”.

Amplamente ***Silêncio***

de Gorecki, *Sinfonia das Sorrowful Songs*, enquanto se contemplam as imagens:
<https://www.google.com/search?q=youtube+gorecki+symphony+of+sorrowful+songs&oq=gorecki+y+ou+tube+sorrowful&ags=chrome.1.69i57j0l2.16562j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

Moçambique:





Fronteira México/Estados Unidos:









Zinha tenta secar os seus livros uma semana depois que a sua casa, de construção precária, desabou. Alheia ao que se passa ao seu redor, junto à praça do município da Beira (Moçambique). Para além da sua vontade de aprender ela quer salvar o seu único bem: os livros de distribuição gratuita.



Bebé milagre nasceu em cima de uma árvore durante o Ciclone Idai em Moçambique (UNICEF Mozambique): "Sem aviso, a água começou a entrar dentro da casa, e eu não tive outra opção a não ser subir numa mangueira. Em cima daquela árvore eu dei à luz a minha filha Sara e ficamos naquela árvore durante dois dias."



(crianças regressam a escola sem tecto depois da passagem do ciclone Idai em Moçambique)

“Que fizeste do teu irmão?” (cf Gén. 4, 9); “Onde está o teu irmão”?

Salmo 129 [130]

Do profundo do abismo clamo por Vós, Senhor!
Senhor, escuta a minha voz.
Estejam os teus ouvidos atentos
à voz da minha súplica!

Se tiveres em conta as nossas faltas,
Senhor, quem poderá salvar-se?
4Mas em Vós está o perdão;
Para vos servirmos com reverência.

Eu confio no SENHOR,
A minha alma espera na sua palavra.
A minha alma espera pelo Senhor,
mais do que as sentinelas pela aurora.

(...)

(JG) We pray for social justice, for the alleviation of the crippling poverty that condemns millions of people around the world to lives of misery - hungry, sick, and utterly without hope.

God, hear our prayer

We pray for the children who are starving, who are condemned to homelessness, slave labor, and prostitution, and especially for those forced to fight, to kill and torture even members of their own family.

God, hear our prayer

We pray for the victims of violence and war, for those wounded in body and for those wounded in mind. We pray for the multitudes of refugees, forced from their homes to alien places through war or through the utter destruction of their environment.

God, hear our prayer

(other intentions)

Benção Final Final Blessing: Ó Deus, no meio das dificuldades atuais, quando muitas vezes a desconfiança parece ganhar terreno, ajuda-nos a que, juntas, tenhamos a coragem de viver a hospitalidade e, assim, aumentar a confiança em nosso redor.

